

Encontro internacional debate fenômenos urbanos e seu impacto sobre os cidadãos

O mundo gira. E as cidades também

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Pesquisadores do Brasil e do Exterior estarão reunidos na Unicamp de 20 a 22 de outubro para o IV Encontro Internacional Saber Urbano e Linguagem – Giros na Cidade: Materialidade do Espaço. Organizado pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb), o evento acontecerá no auditório da DGA e buscará debater as formas e espaços que integram o fenômeno urbano, como se forjam e funcionam, e que impactos geram sobre os moradores. “Nossa proposta é circular pelos espaços da cidade e suas materialidades, indagando suas evidências e derivas”, diz a coordenadora executiva do encontro, Rosângela Morello. “Queremos fazer a cidade girar e, nesse giro, encontrarmos modos de vida, formas de linguagem e de sentido”, completa.

Durante o encontro também serão revelados os resultados de uma pesquisa realizada com alunos do ensino básico no Brasil e na França. O estudo, feito através de um convênio de cooperação entre a Unicamp e a Universidade de Paris 3, teve por objetivo averiguar como os estudantes significam os espaços onde vivem. A partir desses resultados, a ideia é discutir a relação do poder público com a cidade. “Para isso, a linguagem, em todas as suas formas de expressão, funciona como nosso termômetro porque é através dela é possível fazer um bom diagnóstico da situação social urbana e interferir na realidade”, explica a coordenadora do Labeurb, professora Eni Orlandi. Na entrevista que segue, ela aborda os impactos que as mudanças urbanas produzem sobre o cidadão comum.

Jornal da Unicamp – O século XX transformou as pequenas cidades em médias, as médias em grandes, as grandes em metrópoles e as metrópoles em megalópoles. Qual o impacto disso sobre o homem urbano? Mais ainda, que efeito de transformação isso trouxe ao migrante?

Eni Orlandi – Na verdade, a população urbana está em constante movimento. Difícilmente há rompimentos ou mudanças muito drásticas. Isso pode ocorrer, mas então haverá elementos bem caracterizáveis. Na maior parte do tempo o que há é um movimento contínuo nesse processo de desenvolvimento urbano. Isso traz impacto sobre as pessoas.

JU – Que tipo de impactos?

Eni Orlandi – Por mais que haja impactos, as mudanças nem sempre são visíveis de imediato. As mudanças são percebidas mais à frente. Além disso, os impactos não ocorrem de modo homogêneo. Os indivíduos reagem de maneiras distintas às mudanças. Há indivíduos que são mais atingidos e outros que são menos.

JU – O que determina essa diferença de respostas por parte dos indivíduos?

Eni Orlandi – São muitos elementos. As pessoas não estão na cidade da mesma maneira. Há uma multiplicidade de condições em que as pessoas vivem. A imagem que as pessoas fazem do próprio bairro onde vivem também pode estar mais ou menos atravessada pela imagem que a mídia faz do lugar. Uma pesquisa que fizemos com crianças do Parque Oziel, na periferia de Campinas, por exemplo, revelou que elas fazem uma imagem positiva do lugar, ao contrário do que é passado pela mídia. A imagem que elas têm do local não é a imagem que a mídia mostra.

JU – O fato de as mudanças não serem imediatamente perceptíveis



Foto: Antoninho Perri

A coordenadora do Labeurb, professora Eni Orlandi: “O homem sempre acabará criando novos espaços de convivência”

dificulta o controle que as próprias pessoas deveriam ter sobre estas mudanças?

Eni Orlandi – Certamente. Dificulta não só o controle por parte das pessoas mas também por parte do poder público. Por essa razão costumamos dizer que o poder público precisa ter paciência para acompanhar os processos de mudança. Acredito que a razão de muitos projetos urbanos fracassados decorre da falta dessa paciência. Os administradores implementam alguma mudança e, como não percebem uma resposta imediata, mudam de rumo, o que levam à perda de continuidade de muitos projetos. Isso é um grande mal porque muitas vezes leva a um desperdício dos recursos investidos.

JU – Em que medida o caos da linguagem urbana, em todas as suas formas, não se converte em violência e desagregação do homem nas

grandes cidades?

Eni Orlandi – Acho que esse caos da linguagem urbano é o contrário da violência. Na verdade, ele é a resposta à violência. Muitas vezes é a maneira que as pessoas encontram para não entrar na violência. O grafite e até mesmo a pichação são modos de os sujeitos reagirem simbolicamente à violência que é posta sobre eles. Em vez de reagirem no mesmo plano da violência recebida, eles desviam para a simbolização. Essa simbolização é um meio de significar o próprio mundo de uma maneira não-violenta. Para mim, esse caos tem um sentido positivo. É uma válvula de escape. Claro que desorganiza, mas estas formas destoantes são criativas. Revela alguém que encontrou alguma maneira de revidar à violência com algum aspecto cultural. Essas manifestações devem ser encaradas como espaços simbólicos e não apenas como rabiscos.

JU – Para algumas pessoas esse tipo de manifestação também seria uma forma de agressão.

Eni Orlandi – Para a maior parte das pessoas parece agressão porque estas manifestações têm uma forma contestatória. Às vezes nem o próprio pichador ou grafiteiro tem consciência disso. Além disso, essa linguagem é feita muitas vezes de códigos cifrados que a maior parte da população não entende mas tem significado para os autores. O fato de não compreendermos a pichação faz com que essa linguagem soe como agressão ou simplesmente depredação ou sujeira nas paredes. Ao mesmo tempo, a população não interpreta como caótico os panfletos de candidatos espelhados pelas cidades em época de eleição. Isso é ultracaótico do ponto de vista da linguagem urbana, mas a população não interpreta como sujeira simples-

mente porque entende a mensagem.

JU – No interior das cidades físicas há agora o fenômeno das cidades virtuais, isto é, que ultrapassam seus próprios limites regionais e nacionais através das conexões eletrônicas e sobretudo da rede mundial de computadores. Não por acaso, esse fenômeno se dá através da linguagem. Em sua opinião, qual o significado dessa nova realidade?

Eni Orlandi – Esse universo virtual é importante. É uma outra forma de mobilizar a memória e as situações imediatas em que as pessoas vivem. É preciso notar, porém, que são novas tecnologias ainda muito ligadas à escrita. Assim como o homem teve de aprender a conviver com a escrita, agora ele está aprendendo a se virtualizar com as novas tecnologias. Vejo isso com muito agrado. Trata-se de um instrumento importante. Muda as relações pessoais, sociais, a relação com a memória e a relação tempo-espaço.

JU – A realidade virtual, ao mesmo tempo que expande os limites geográficos das cidades, tende a tornar ociosos muito de seus espaços antes destinados a atividades tornadas anacrônicas (a estrutura convencional dos escritórios, dos bancos etc). Esse tipo de especulação entra no campo de interesse dos lingüistas?

Eni Orlandi – Certamente entra porque nós trabalhamos justamente com a materialidade do espaço, ou seja, a maneira como o espaço é habitado, não no sentido de moradia mas no sentido daquilo que existe nesse espaço e como ele funciona. Essas mudanças nos interessam porque também mudam a significação dos espaços. O espaço de um escritório, por exemplo, passa a significar algo inútil porque já é possível fazer várias operações pela Internet. Mesmo assim a sociabilidade é irresistível para o homem. Apesar das mudanças e de seus impactos, a sociabilidade continua porque faz parte do homem. Se não preciso mais ir até a agência bancária para pagar uma conta, então posso usar esse tempo útil para ampliar minhas relações sociais em outros espaços. Por essa razão acredito que a realidade virtual não é uma ameaça à sociabilidade. O homem sempre acabará criando novos espaços de convivência.

Unicamp e Sebrae fazem prospecção de patentes

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

A Unicamp e o Sebrae-São Paulo vão realizar análise de viabilidade econômica de 60 patentes depositadas pela Universidade. A meta é definir já nos próximos seis meses os melhores caminhos para a introdução dos produtos no mercado. O convênio foi assinado hoje pela manhã, na Sala do Conselho Universitário, pelo coordenador geral da Universidade, José Tadeu Jorge, e pelo diretor-superintendente do Sebrae-SP, José Luiz Ricca.

Convênio tem duração de dois anos

Mais do que uma simples assinatura de contrato, Ricca acredita ser a construção de um novo modelo de desenvolvimento. “Estamos construindo uma ponte para atravessar o vácuo do conhecimento e atingir a sociedade. Todos aprenderão. Não temos a certeza ainda de quais caminhos iremos percorrer, mas sabemos que dará certo”, destacou. O professor Tadeu Jorge lembrou da parceria de longa data estabelecida com o Sebrae. “Este projeto se diferencia dos outros programas conjuntos porque é algo inédito. O contrato sela a intenção de atingir objetivos importantes para a sociedade brasileira”, afirma.

As análises serão realizadas utilizando-se metodologia definida. Desta forma, o trabalho contará com a bagagem do Sebrae nas informações sobre mercado e as formas de introduzir

O diretor-superintendente do Sebrae, José Luiz Ricca (à esq.), com o vice-reitor José Tadeu Jorge: análise de viabilidade econômica



Foto: Nélido Cantanli

tecnologias. “Com o estudo também traremos informações para dentro da Universidade, criando oportunidades para pequenos empreendedores”, afirma o diretor-executivo da Agência de Inovação, Roberto Lotufo.

A parceria acontece no âmbito da Sebraetec

Projetos, programa do Sebrae que visa transferir tecnologia dos principais centros de ensino e pesquisa do país para pequenos negócios, desenvolvendo, aperfeiçoando e racionalizando produtos e processos a um custo acessível. O contrato terá validade de dois anos.